

Chegou a era da adaptação às mudanças climáticas

» VIRGILIO VIANA

Superintendente Geral da Fundação Amazônia Sustentável (FAS) e professor-associado especial da Fundação Dom Cabral (FDC)

O ano de 2023 será lembrado pelo marco da chegada de um novo momento da história: a era da adaptação às mudanças climáticas. Há décadas, a ciência vem alertando sobre a gravidade do problema e a urgência de medidas para evitar cenários graves. Infelizmente, essas medidas não vêm sendo tomadas na velocidade e na escala apropriadas. Agora, temos que lidar com as consequências disso.

A seca da Amazônia talvez seja o mais emblemático dos sintomas dessa nova era. Os rios secaram em uma velocidade espantosa, com destaque para o Rio Negro, cujo recorde anterior de nível d'água mais baixo já registrado era de 1902 e foi quebrado com folga. Escolas ribeirinhas estão sem aulas desde setembro, e muitas comunidades não têm água potável e alimentos.

A quantidade de chuvas diminuiu drasticamente, e o aquecimento fez as florestas ficarem com maior vulnerabilidade aos incêndios. O enfraquecimento dos órgãos de proteção ambiental no governo anterior criou uma engrenagem poderosa movendo o desmatamento, o garimpo, a extração ilegal de madeira e a grilagem — com ligações com o narcotráfico. Em que pese os avanços alcançados pelo governo federal e governos estaduais, a situação ainda é muito crítica.

A poluição do ar em toda a Amazônia atingiu níveis de calamidade pública. Em Manaus, o nível de poluição do ar chegou a ser quase 10 vezes maior do que o índice considerado péssimo pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O impacto sobre a saúde humana é devastador. A poluição do ar pelas queimadas causa inflamação sistêmica, aumenta o risco de AVC, aumenta o risco de partos prematuros, pode causar fibrose pulmonar e diversas outras complicações para a saúde humana, não só hoje como no futuro.

Na Amazônia andina, onde nascem o Rio Amazonas e muitos de seus afluentes, os picos nevados não têm mais gelo permanente. Com isso, os povos originários daquela região, descendentes dos incas, collawa e outros, sofrem com as consequências trágicas da falta de água para a agricultura e a criação de lhamas e alpacas. E um dos casos mais simbólicos de injustiça climática: aqueles que menos contribuíram para o aquecimento global são os mais vulneráveis. Existe uma dimensão ética e moral para a crise que vivemos.

Não bastasse a tragédia em todas as regiões da bacia e bioma amazônico, temos o hiperacelerado degelo da Antártida e do Ártico, as tempestades no Rio Grande do Sul, a aridez crescente na África, as temperaturas recordes e o aumento da frequência e da magnitude dos desastres climáticos em todo o mundo. Como havia sido previsto pela ciência. Infelizmente, a realidade mostra-se pior do que os cenários mais pessimistas... O quadro é gravíssimo!



Por isso, é hora de todos os governos, nas suas diferentes esferas, apoiarem a elaboração e a implementação de planos de adaptação local. Entretanto, essa tarefa é importante demais para ficar apenas nas mãos dos governos. É necessário o engajamento das empresas, universidades, organizações da sociedade civil e todos os demais segmentos. É hora de repensar como vivemos, como consumimos, como trabalhamos e como nos preparamos para os eventos extremos que serão cada vez mais frequentes e catastróficos. Infelizmente.

É urgente buscar caminhos para a resiliência aos eventos climáticos extremos. O único lado bom disso é que a elaboração e a

implementação de planos de adaptação e resiliência às mudanças climáticas podem criar empregos, que devem privilegiar os mais pobres e vulneráveis. Isso pode diminuir a injustiça climática.

Os países ricos e a porção mais rica das nossas sociedades devem destinar recursos financeiros para esse esforço de adaptação e justiça climática. Afinal, estamos no mesmo barco. Não há planeta B. Temos que minimizar as chances de colapso das sociedades diante das mudanças climáticas. Isso deve ser a primeira das prioridades de todos. A era da adaptação às mudanças climáticas chegou e temos que ser realistas e pragmáticos. Não há outra opção nem tempo a perder.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O ovo da serpente

Observadores da cena internacional têm chamado a atenção para um fato curioso e revelador da personalidade camuflada e peçonhenta dos chamados progressistas, aqueles que se dizem simpatizantes das esquerdas mundo afora. Bastou a eclosão do conflito no Oriente Médio, envolvendo o Estado israelense e grupos sanguinários terroristas, para que caíssem por terra as máscaras que escondiam a cara das esquerdas.

Nem bem Israel começou a dar corretamente o troco aos terroristas, bombardeando seus covis subterrâneos em Gaza, no Líbano e na Cisjordânia, para as esquerdas, com grupos mulçumanos radicais, saírem às ruas de mãos dadas, em enormes passeatas, clamando não só pela destruição do Estado Judeu, como torcendo fervorosamente pela vitória dos terroristas.

Aqui no Brasil, as esquerdas mostraram também a cara e a alma que envergam condenando Israel e debitando apoio aos grupos terroristas, mesmo depois que as imagens horrendas mostraram o banho de sangue e sadismo promovido por esses facinoras em 7 de outubro contra populações civis indefesas. Ficou patente, aqui e em todo o mundo Ocidental, o cinismo macabro dos progressistas quando alardeiam, aos quatro ventos, seu empenho e apoio às minorias discriminadas em razão de raça, cor, credo, sexo e tudo mais.

Como é possível que esses diversificados e ruidosos movimentos sociais, que defendem desde o ovinho da saracura até aqueles que se autodeclaram alienígenas, virem a público apoiar abertamente terroristas e outros assassinos patológicos? Não custa lembrar que o povo judeu é uma minoria no mundo, de aproximadamente 15 milhões de almas, e que, por séculos, vêm sendo perseguidos e massacrados em diversas regiões do planeta.

Bastou a contraofensiva das forças de defesa de Israel, composta na sua maioria por pessoas comuns da comunidade, homens e mulheres, irem atrás dos terroristas para as esquerdas confessarem todo o seus antijudaísmo ou antisemitismo, confessados publicamente contra Israel e a favor dos grupos de extermínio.

Mesmo a mídia tradicional encontrou seu jeito de apoiar as forças extremadas da morte, calando-se sobre os episódios ou tratando de assuntos distantes. Para aqueles que usam da força da razão, calcada no coração do humanismo, basta observar, no mapa da região, a pequenez do Estado de Israel em comparação à enormidade territorial ocupada atualmente pelos países de credo mulçumano, que cercam todo o Estado Judeu.

O que as esquerdas do Ocidente não sabem, ou fingem não saber, é que essas minorias que, hoje, elas defendem, serão, em caso de uma possível dominação muçulmana, os primeiros a conhecerem, na carne, a ira de Alá. Primeiro, essas minorias. Depois, os próprios líderes dessas esquerdas e desses movimentos sociais. Todos eles considerados infiéis e inimigos do Islã. Não tarda para que esse ovo da serpente, chocado pacientemente pelas esquerdas aqui e em outras partes do mundo, venha à luz e mostre finalmente ao que veio.

» A frase que foi pronunciada

“Allah não prejudica o povo de forma alguma, mas são as pessoas que estão prejudicando a si mesmas.”

Alcorão 10:44

Sem reclamar?

» Com um espírito calmo e compassivo, o consumidor de Brasília aceita, sem reclamar, comprar uma bandeja de morango sempre com a metade podre. Até nos melhores supermercados.

Passivos

» Outro roubo mais caro tem sido a fiação de postes e fiações, inclusive do metrô. Os casos têm aumentado sem muita reação que corte a ação pela raiz.

Nova lei

» Se o trabalhador passa oito horas do dia ocupado na labuta, não tem condições de acompanhamento médico para tratar a pressão arterial ou o diabetes. Esse é um bom tema para uma lei que obrigue esse tipo de atendimento contínuo em empresas e no funcionalismo público.

Insegurança

» Por falar em lei, os bancos não deveriam, em absoluto, ter o direito de limitar o uso do dinheiro na conta do cliente pelo próprio cliente. Se um pix à meia-noite for feito e tiver dinheiro na conta, como é possível que o banco imponha uma transação por causa do horário? Segurança do cliente? Essa decisão é do cliente, não do banco.

» História de Brasília

Agora, como se não bastassem os serviços do DCT, os deputados investem, também, contra as empresas de aviação, utilizando seus serviços de rádio. Outro dia, uma empresa não sabia o horário de um avião, porque o tráfego estava congestionado, em virtude do grande número de mensagens de deputados. (Publicada em 2/3/1962)

Indústria têxtil: acordo entre Mercosul e UE é oportunidade histórica

» RICARDO STEINBRUCH

Presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção (Abit)

A finalização do acordo entre o Mercosul e a União Europeia será de fundamental importância para a indústria têxtil e de confecção e a economia brasileira. Serão eliminadas tarifas para 95% dos bens manufaturados no comércio entre os dois blocos. Consideradas as oportunidades de aumento dos investimentos e exportações, criação de empregos, fomento da produção e aporte tecnológico, é premente ratificar o tratado e implementá-lo, para que seus efeitos práticos contribuam, desde já, para impulsionar o crescimento sustentável e elevar o Brasil ao patamar de renda alta.

No âmbito da iniciativa privada, a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção (Abit) foi uma das pioneiras nas negociações voltadas ao estabelecimento de parâmetros mercadológicos equilibrados e justos, cujos resultados tiveram êxito. Foi um trabalho consistente de diplomacia econômica realizado em conjunto com a European Apparel and Textile Confederation (Euratex).

A Abit, representativa de mais de 25 mil empresas com cinco ou mais funcionários, empregadoras de 1,3 milhão de pessoas em todo o Brasil, tem plena convicção de que a implementação do acordo será de extrema importância para a promoção e a facilitação

do comércio, serviços e investimentos do setor, bem como o aumento da cooperação entre as empresas dos dois blocos. É uma oportunidade histórica.

Para a indústria têxtil e de confecção brasileira, o acordo proporciona uma série de oportunidades, a começar pelo acesso ao mercado consumidor da União Europeia, o segundo maior do mundo, com 500 milhões de pessoas, no universo de um PIB total de US\$ 22 trilhões. Isso significa expressivo potencial de crescimento da produção e vendas.

É concreta, portanto, a perspectiva de aumento e diversificação das exportações do setor para a União Europeia, hoje restritas pela ausência do acordo. A Abit estima um impacto positivo na criação de 300 mil postos de trabalho formais em até 10 anos, em função da ampliação do comércio. Também haverá melhores condições para o intercâmbio tecnológico, já que o Brasil e a União Europeia têm importantes centros de inovação e pesquisa.

Os benefícios aqui enumerados estendem-se à grande maioria dos setores de atividade. Para todos, o acordo também oferece oportunidade de promover a convergência de normas e padrões comerciais, facilitando o comércio e aumentando a segurança

jurídica dos investidores. Outro impacto positivo é o posicionamento do Mercosul como ator relevante no cenário internacional.

Há, ainda, um diferencial competitivo fundamental a ser explorado: o grande potencial referente à bioeconomia, à geração de energia limpa e de fontes renováveis e à contribuição da indústria para reduzir a emissão de gases de efeito estufa e mitigar as mudanças climáticas. Somado aos empregos dignos e aderentes ao compliance, inclusive respaldados pela rígida legislação trabalhista brasileira, o caráter sustentável da produção contempla, de maneira ímpar, os preceitos da governança ambiental, social e corporativa (ESG). É tudo o que os europeus defendem e exigem cada vez mais de seus parceiros comerciais e fornecedores.

Cabe salientar, também, que o aumento da nossa competitividade global nos proporciona melhores condições de enfrentar a concorrência de importados em nosso mercado interno. Além disso, o acordo entre o Mercosul e a União Europeia é congruente com a política de neointustrialização promovida pelo Governo Federal. Portanto, todos os esforços devem ser feitos para ratificá-lo e implementá-lo ainda este ano. Os países dos dois blocos têm muito a ganhar.